

# Introdução: cartas de imigrantes como fonte de pesquisa linguística

Cléo V. Altenhofen (Porto Alegre)

Joachim Steffen (Augsburg)

Não resta dúvida sobre a importância das cartas de imigrantes e de seus descendentes como fonte direta de dados acerca das circunstâncias históricas, econômicas, culturais e sociais da fundação e desenvolvimento das áreas de colonização, no sul do Brasil. O que este volume de cartas de imigrantes, no entanto, vem priorizar é um campo de análise que, até agora, apesar de alguns estudos recentes (v. ELSPASS, 2005; STEFFEN, 2013, 2014, 2016; STEFFEN & ALTENHOFEN, 2014), tem sido pouco explorado, dada a dificuldade de acesso e de tratamento dessas fontes, de forma sistemática. Além de serem uma fonte histórica, com a qual já se têm ocupado historiadores (por exemplo, ALVES, 2003; BECKER, 1968; DREHER, 2014a, 2014b; KELLER, 1963; STOLZ, 1997; ZIMMER, 2015), essas cartas de imigrantes representam uma fonte extremamente valiosa também para pesquisas linguísticas. Em um período em que ainda não era possível gravar as “vozes dos imigrantes”, as cartas por eles escritas – como outros gêneros próximos (por exemplo, relatos de viagem, atas de associações e clubes, registros de caixa, contos – v. KOCH, 1964a, 1964b) etc. – representam uma das poucas pistas empiricamente rastreáveis sobre aspectos da língua efetivamente usada no dia a dia, em um ponto do tempo mais distante no passado.

Evidentemente, trata-se de fontes linguísticas que também possuem suas limitações, já que estão condicionadas pelas regras da escrita e por muitos outros fatores, entre os quais se podem citar as próprias condições de acesso à norma escrita. Entretanto, mesmo que a língua falada por esses imigrantes, no dia a dia, passe pelo crivo da escrita e, por isso, se adequa tanto quanto possível às regras da norma *standard*, as cartas de uso privado – diferentemente de outros tipos de textos escritos (DREHER; RAMBO & TRAMONTINI, 2004; PICHL, 1983<sup>1</sup>) – deixam entrever, com maior probabilidade, marcas da língua falada, tendo em

---

1 Pichl (1983) analisa aspectos morfossintáticos do “alemão escrito” no Brasil, com influência do contato com o português, porém tendo como fontes textos publicados em dois jornais, o que sem dúvida representa um dado não tão espontâneo.

vista a informalidade e espontaneidade da interação, geralmente entre emissores e receptores unidos por laços de família ou amizade. Graças à localização temporal e geográfica das cartas, isto é, à identificação de quem escreveu onde, quando, para quem – e com qual intenção – é possível elencar uma série de aspectos da língua que são de grande interesse para uma história da origem, variação e mudança da língua de imigração no contato com o novo meio.

Entre as possíveis perguntas para as quais a análise de cartas pode oferecer subsídios, considerando o contexto de uso paralelo da variedade do Hunsrückisch em contato com o português e com outras variedades do alemão, estão as seguintes:

- 1) O que é possível depreender, a partir da variação e mudança desse alemão escrito, **sobre a concepção de norma escrita de quem escreve**, e que orienta suas decisões? Em outras palavras, a) por que ele escreve assim como escreve? b) Quais as soluções escritas que apresenta e c) como dialogam com o alemão falado pelo escrevente?
- 2) O que as cartas permitem observar **sobre o alemão falado de quem escreve**? Em outras palavras, como se configura o repertório linguístico efetivo dos imigrantes e de seus descendentes, ao longo de quase 200 anos? Isto é, a) situa-se mais próximo da norma culta ou do dialeto? b) Mantém-se mais o alemão ou se incorporam cada vez mais elementos do novo meio, em contato com o português? c) É monolíngue ou bilíngue em português e alemão? É substituído pelo português, na função escrita? (*Dachsprachenwechsel*)
- 3) O que as cartas permitem depreender **sobre a história da língua de imigração**, isto é, a) como se mantém a língua alemã, ao longo de 200 anos, e o que a variação e mudança, nos diferentes níveis (fonético-fonológico, morfossintático, léxico-semântico ou pragmático), expressa sobre isso? b) Como se dá o acesso à escrita da língua de imigração e como se altera para o português, como língua oficial e língua da escola? c) É possível identificar fases da “vida da língua de imigração e de seu papel nas comunidades de falantes”, bem como no modo “como o português vai sendo incorporado”? d) Qual sua relação com fatores sociais e históricos, tais como relações familiares, práticas sociais e linguísticas (por exemplo, no comércio e na religião), migrações, festas, etc.?

O presente volume não objetiva dar respostas definitivas a estas perguntas, pois isso exigiria um *corpus* mais amplo e controlado, além de pressupor uma série de contribuições de outras disciplinas de estudo. O que se pretende, no âmbito do projeto IHLBrI (*Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração*),<sup>2</sup> no qual se concebeu esta publicação, é apresentar aos pesquisadores confrontados com a língua alemã nesses contextos de imigração, assim como também de modo especial às comunidades de falantes de Hunsrückisch, uma seleção de cartas,<sup>3</sup> organizadas cronologicamente em períodos distintos, para evidenciar a relevância da língua e de sua variação como indicador de aspectos históricos e sócio-culturais determinantes da sociedade em questão. Esta é uma dimensão que muitas vezes é negligenciada na análise histórica, mas que pode ser determinante em uma série de situações da vida social, como por exemplo no julgamento de pessoas sem proficiência em português, ou no uso de estratégias para obter ganho, no âmbito das trocas comerciais.

Por este motivo, para auxiliar na percepção desses aspectos por trás do uso da língua, optamos por apresentar as cartas selecionadas aqui em forma de edição crítica, isto é, subsidiando sua leitura com comentários e observações em nota de rodapé, visando esclarecer formas e usos linguísticos (grafia, variantes lexicais, morfologia, sintaxe, enfim, em diferentes níveis de análise linguística) que podem causar dificuldade de compreensão ou passar despercebidos ao leitor comum.

Uma primeira observação que é preciso destacar com relação à linguagem usada nos escritos apresentados neste livro é que as cartas de uso privado podem ser consideradas como um tipo de texto relativamente próximo à oralidade. Embora sejam produzidas no meio gráfico (signos visuais traçados com tinta sobre papel), a concepção subjacente pode ser classificada como próxima ao polo “oral” com relação às estratégias comunicativas (KOCH & OESTERREICHER, 1985, p. 19ss.).

---

2 Desenvolvido com o apoio do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), Ministério da Cultura do Brasil, em uma parceria entre o IPOL (Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística), coordenado por Rosângela Morello, e o projeto ALMA-H (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch), coordenado por Cléo V. Altenhofen (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS) e Harald Thun (Christian-Albrechts-Universität zu Kiel – CAU).

3 A coleção das cartas apresentadas no presente volume foi feita substancialmente com o apoio da Fundação Alexander von Humboldt através de uma bolsa Feodor Lynen concedida a Joachim Steffen, de 2011 a 2013.

Por um lado, o grau de intimidade entre o remetente e o destinatário é geralmente alto, o que permite uma certa espontaneidade e expressividade estilística, juntamente com um registro informal. Além disso, o intercâmbio de ideias entre os interlocutores ocorre em uma espécie de diálogo, uma vez que uma carta amiúde se escreve em resposta a uma outra recebida. Por outro lado, dentro desse macro-diálogo, os escreventes têm que ordenar as suas ideias em uma estrutura monológica. Para facilitar essa tarefa, as cartas tendem a seguir uma sequência fixa de partes textuais e muitas vezes se utilizam fórmulas pré-fabricadas, especialmente na parte inicial e final do texto.<sup>4</sup> As cartas contêm, portanto, uma justaposição de registros, oscilando frequentemente entre expressões formulaicas e manifestações da linguagem oral.

A segunda observação diz respeito às línguas ou variedades usadas pelos imigrantes. Vieram imigrantes, desde 1824, de diferentes regiões da Alemanha, que ainda naquela época nem mesmo constituía um estado nacional. Em consequência, nas terras brasílicas, ocorreu o encontro de diversas variedades dialetais que, antes, no continente europeu, estavam separadas uma da outra. Entre os imigrantes, os colonos oriundos da região do Hunsrück e áreas adjacentes representavam um dos contingentes mais numerosos. Por isso, nas comunidades de imigrantes, formou-se uma variedade que nivelava as marcas dialetais das várias origens na Alemanha e na qual as características do francônio-renano (usuários de variantes do tipo *das / was*) e do francônio-moselano (usuários de variantes do tipo *dat / wat*) eram predominantes (ALTENHOFEN, 1996, p. 16-27). Mas essa coíné, conhecida como *Hunsrückisch* ou *hunsriqueano riograndense*, surgida e utilizada no âmbito da língua falada, não era a única língua que os imigrantes trouxeram consigo, uma vez que no âmbito da escrita foi utilizado o alto alemão ou *Hochdeutsch*. Isto se reflete nas diversas publicações – jornais e almanaques, inscrições em lápides de túmulos e em panos para proteção de parede (*Wandschoner*) – assim como também nas cartas, como evidenciam os exemplos

---

4 Não se pode ignorar a influência de manuais, como a 29ª edição do seguinte livro, que encontramos no contexto de nossa pesquisa: G. W. Campe's *Briefsteller oder Anweisung Briefe und Geschäftsaufsätze aller Art nach den besten Regeln der Orthographie und des guten Styls schreiben und einrichten zu lernen mit 230 Briefmustern zu Freundschafts-, Erinnerungs-, Bitt-, Empfehlungs-, Glückwunsch- und Beileidsschreiben, wie auch Liebesbriefe, Auftrags-, Bestellungs- und Handlungsbriefe, nebst 100 Formularen zu Eingaben, Besuchen und Klageschriften an Behörden-, Kauf-, Mieth-, Pacht-, Bau-, Lehrcontracten, Vollmachten und Wechselln*. 29. durch L. Fort verbess. Aufl. Quedlinburg / Leipzig: Verlag der Ernst'schen Buchhandlung, 1884. 292 p.

selecionados para este volume. Não eram apenas os imigrantes ainda nascidos na Alemanha os que aprenderam o *Hochdeutsch* como língua escrita; também de modo geral nas colônias do sul do Brasil, a formação nas escolas (embora amiúde precária) se dava na língua *standard* do “Hochdeutsch”, como aí se denominava a norma escrita *standard* (cf. KOCH, 1996, p. 307; cf. também KREUZ, 2000).

Levando em conta todas essas circunstâncias, podemos precisar as observações sobre a oralidade conceptual das cartas reunidas no presente volume. Mesmo que sejam textos do âmbito privado e espontâneo, geralmente não são escritos na mesma variedade utilizada na oralidade, mas sim em *Hochdeutsch*. Mesmo assim, o hunsriqueano é visível em muitas facetas, seja em palavras, expressões fixas, estruturas gramaticais ou interferências fonéticas que se refletem em trocas de letras (cf. STEFFEN, 2013; 2014). O seguinte trecho de uma carta escrita por Peter Weber, em Porto Alegre, em 19 de julho de 1873, ilustra essa complexa relação entre as variedades:

*ich wünschte mir Sie hätten unser gespräch angehört, zuletzt sagte das Weibchen zum Gibitz „du pass auf daß ist ein feiner mann der will dich fangen pass auf wass du sprichst“ ich natürlich sagte zu ihr daß dieses nicht an dem were, sie versehn sich in mir, aber sie wahr ganz außer sich, sie sagte wieder zu ihrem mann daß ich ein feiner Spion sei. Fügte auch diese Worte noch hinzu, „herr Jesus Maria Josep ich hons an ihre Worte gesin daß Ihr ein feiner Spion sein und gleichen die erste 4 Worte herje mir sein verloren. So viel sage ich Ihnen Klein schreibt dem Lappa kein Brief mehr, und noch weniger sonst jemand über Maurers angelegenheiten, er hat eine starke priese schnupfen müssen die ich ihm gegeben habe.*

É evidente que o autor distingue duas variedades separadas. O próprio relato é escrito em um *Hochdeutsch* relativamente próximo da norma *standard*. Porém, também neste ponto, pode-se observar uma ligeira redução da morfologia *standard*, o que se manifesta em algumas marcações erradas ou ausentes do número e do caso (*2 Stunde lang* ‘durante duas horas’, *kranken kann er kurieren* ‘ele pode curar doentes’, *im sauren Apfel beisen* ‘lit. morder maçãs azedas (= dar com os burros na água)’. Por outro lado, na reprodução do discurso falado pela mulher que ele cita, notamos uma clara troca para uma variedade mais dialetal (evidente a

partir das características dialetais fonéticas e morfológicas como *ich hons* ‘eu o tenho’, ao invés de *ich habe es*; *gesin* ‘visto’ em lugar de *gesehen*; *mir sein verloren* ‘nós estamos perdidos’, em vez de *wir sind verloren*). Como neste caso, o hunsriqueano mostra-se frequentemente de forma indireta, por meio de expressões fixas e de citações, bem como na forma de traços fonéticos, morfológicos e sintáticos no alemão padrão escrito.

Marcas linguísticas como estas dão pistas sobre a condição e origem social de quem escreve ou sobre quem se fala. Como síntese, porém, elas sinalizam tendências de determinado período histórico, como por exemplo a maior ou menor presença de dialetalismos e lusismos, o domínio maior ou menor da respectiva norma escrita do português e do alemão, o uso de estratégias comunicativas específicas (p.ex. a alternância de código), além de muitas outras características: o tipo de grafia, as temáticas e motivações de escrita da carta, o contexto rural ou urbano, a situação histórica etc. Com base na análise do acervo de cerca de 1.000 cartas que compõem o ALMA-Histórico, vinculado ao Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch (ALMA-H), e com base em Steffen (2016), podemos identificar pelo menos três grandes fases ou períodos, ao qual acrescentamos fontes do período que antecede a emigração do Hunsrück ao Brasil. Vejamos, resumidamente, o que caracteriza cada período em particular.

### **Antes de 1824: precedentes da escrituralidade no Hunsrück**

A história dos imigrantes hunsriqueanos no Brasil tem uma pré-história. Habitualmente, entende-se por pré-história o período antes da invenção da escrita, mas neste caso o termo refere-se justamente às fontes escritas da região de origem dos imigrantes, datadas da época napoleônica, antes da emigração de terras europeias para o Brasil e antes do contato com a língua portuguesa. O estado da alfabetização na virada do século XVIII para o XIX era precário, mas isso não significa que as pessoas do âmbito rural não sabiam escrever. Significa apenas que a escrituralidade não estava em conformidade com a norma do Hochdeutsch. Para documentar esta fase, apresentamos uma seleção de 10 cartas (de um corpus total de 181), escritas entre 1805 e 1814. Os originais encontram-se no arquivo estatal de Liège (Lieja), Bélgica.

Encontramos, nessas cartas, o mesmo tipo de interferências da variedade dialetal (*hunsriqueano* em um sentido amplo, visto que se trata de uma série de variedades de uma região geográfica mais ampla do que o próprio Hunsrück, como já foi explicado acima), e que caracteriza

posteriormente as cartas escritas no Brasil. Curiosamente, há outra coincidência no que diz respeito à influência de uma língua românica, com a diferença de que, nesta fase, a língua que exerce esta influência é o francês, o que se mostra também nas cartas sob a forma de empréstimos e, inclusive, de alternâncias de código. Em parte, os galicismos são exportados junto com os falantes e se encontram igualmente nas cartas escritas no Brasil (como, por exemplo, a partícula *retour*, que substitui a forma do alemão *zurück*; veja, por exemplo, na carta escrita no Forte Curucu [Paraguai], em 26.01.1867). Com as novas gerações no Brasil, alguns galicismos se perdem, outros são substituídos por expressões do português e logo também do espanhol, em um processo de relexificação (THUN, 2013). Outra diferença em relação às cartas escritas pelos imigrantes no Brasil reside nos motivos para escrever as cartas. Sendo soldados do exército francês, os jovens procuram manter os laços com a família e os contatos sociais da terra natal para, mais tarde, regressar e retomar os seus lugares na comunidade. Os emigrados, por outro lado, não pensam em voltar para a Europa, mas, pelo contrário, frequentemente querem animar os parentes a se unirem a eles no Brasil e, para fazer isso, eles precisam explicar o Novo Mundo.

Ao final das contas, talvez ambas as constelações não sejam mesmo tão diferentes, uma vez que o contato com a terra natal é o aspecto que as une e que representa o desejo essencial nos dois casos, sendo a única diferença a distância que os separa. Visto que esta pré-história da correspondência teuto-brasileira tem particularidades culturais, linguísticas e comunicativas bastante divergentes daquelas no Novo Mundo, Thun e Wilkin (neste volume) apresentam uma descrição e análise separadas das cartas dessa fase antes da emigração.

### **1824-1890: primeiras gerações no Brasil, novas gerações da Alemanha**

Seja na oralidade ou na escrita, uma vez que o entorno no Novo Mundo era bastante diferente do continente europeu, surgiu a necessidade de designar os elementos desconhecidos. Assim, de um lado, foram criadas muitas novas palavras (neologismos); de outro, os novos vizinhos lusofalantes é que forneciam os termos que seguidamente eram assimilados às próprias regras gramaticais e de pronúncia, às vezes aparentemente sem consciência da sua origem do português.

Um bom exemplo disso é a carta de **22.02.1856**, de Johannes Gisch, escrita em 1856 aos seus parentes na Alemanha. Em uma frase, ele escreve: “*Hannes Müller Christian der hat seinen Bruder gefolget der kauft*



*sich eine koloni weit im waldt an der Rio der kann seine Bonen Milgen gut auf der fort trantzporttieren dann die Rio wird mit der Kanoen gefahren*”. Ele usa as palavras *Rio* (< pt. *rio*), *Milgen* (< pt. *milho*) e *Kanoen* (< pt. *canoas*) como se fossem palavras do alemão, curiosamente sem explicação alguma. Não sabemos com certeza, mas podemos supor que os destinatários (seus irmãos em Simmern, na Alemanha) não tinham conhecimentos de português, inclusive sendo essa a primeira carta que Johannes Gisch manda do Brasil (o que se pode deduzir a partir do fato de que ele descreve também detalhadamente a viagem de navio). O fato de serem coisas tão básicas e cotidianas da vida no novo ambiente presumivelmente levou a que as palavras para tais coisas não fossem mais consideradas alheias ou reconhecidas como empréstimos. Em outras cartas, esse tipo de lusismo é explicado pelo autor, como acontece com o termo *Patrer* (< pt. *potreiro*), na carta de **10.10.1858**, escrita em Teutônia por um autor anônimo: “[...] *an beiden Seiten des Weges bauen sich nun die Colonisten an das zuerst am Wege aufgehaune Land wird nun es 1 oder 2 Jahre zugepflanzt ist ins Patrer gemacht das ist eine Weide für das Fieh da wird ein Zaun darum gemacht und es werden Pfähle aufgestellt und es kompt den der is durch zuliegen und so wird der Zaun fest und stark das kein Fieh heraus kan in solche Patrer geht das Fieh die das ganze Jahr Tag und Nacht*”. Mas, inclusive nesta carta, as palavras *Milge* (< pt. *milho*) e *Poben* (< pt. *abóbora*) são usadas sem tradução ou explicação.

Presumivelmente, a porta através da qual entraram as primeiras palavras do português eram dois grupos de pessoas. O primeiro grupo eram os camaradas dos imigrantes que participaram dos diversos conflitos armados e guerras na região, acima de tudo a Guerra da Tríplice Aliança, ou Guerra do Paraguai (1864 a 1870). As cartas de Carlos Schnell (cartas de **26.11.1865**, **09.03.1866** e **03.05.1866**) dão uma ideia das experiências de um descendente de imigrantes como soldado naquela guerra. Nas suas cartas, são frequentes as expressões que ele provavelmente adotou dos seus camaradas falantes de português, entre outras unidades de medida como *Leguwa* (< pt. *légua*), *Brasse* (< pt. *braça*), etc., ou expressões de graus e unidades militares, como indica o seguinte fragmento da sua carta escrita em Sto. Tomás Corrientes, em 3 de maio de 1866:

*unser Korpo und das 11 de ist zu sammenge stosen wor den Bai welgen 30 Offziere Jberbliben und 36 Serjenden und Furies Dah hat man dih Beste aus ge sucht und in dih Kompanhias ein getaild Doch ist unser Furiel und Serschenden*



*geblihen, unsere Offziri saind Kapidom Draiger Tenent1e  
Kautzman Alferes Fransen und dih Jberbleibsel saind ver  
Taidl Worden in Jede Kompania.*

O segundo grupo, provavelmente mais importante para a integração de expressões cotidianas da vida rural, foram os caboclos, muitos dos quais costumavam trabalhar nos campos dos imigrantes, os quais, por sua vez, aprendiam com eles os nomes para as coisas do novo entorno, como supõe Staub: “Era o caboclo que sabia o nome dos bichos, das aves, dos pássaros, das plantas, dos acidentes geográficos e de outros aspectos culturais” (STAUB, 1983, p. 45). Através das redes comunicativas internas, os novos termos que vão sendo adotados por indivíduos em contato com pessoas de fora da comunidade espalham-se dentro do próprio grupo. Apesar dessas observações, é importante levar em conta que a comunidade era, naquela época, basicamente monolíngue (ALTENHOFEN, 1996, p. 58; BUNSE, 1969, p. 499), salvo no caso da diglossia interna, ou seja, o uso do alto-alemão, para a escrita, e do hunsriqueano, na oralidade.

### **1890-1940: pontes de papel em terras brasileiras**

A separação funcional das variedades em contato continua presente, de modo geral, no comportamento linguístico das novas gerações nascidas no Brasil. Ainda assim, a situação é diferente, porque os descendentes dos imigrantes começam a diminuir a correspondência com os parentes que eles nunca conheceram pessoalmente em suas comunidades de origem, e intensificam a comunicação escrita com os amigos e parentes dentro do Rio Grande do Sul, estabelecendo novas “pontes de papel em terras brasileiras”. Em parte, essa mudança nos hábitos comunicativos deve-se à fundação de novas colônias em regiões mais afastadas dos primeiros povoados, que estavam localizadas em um raio de circunferência de cerca de cem quilômetros de Porto Alegre. Na correspondência com outros teuto-brasileiros, evidentemente não havia mais necessidade de explicar o Novo Mundo ao parceiro de comunicação. Ao mesmo tempo, como o isolamento dos colonos da sociedade majoritária diminuiu, aumentou consideravelmente a concorrência e a competência em português. A partir das cartas, podemos rastrear o começo da fase de bilinguismo mais generalizado, porque ao final do século XIX já aparecem cartas escritas em português. O interessante é que, dentre essas

cartas, não há unicamente missivas enviadas a falantes e português, o que tornaria a escolha dessa língua obrigatória, mas também na correspondência entre os mesmos descendentes surgem cartas escritas em português. Talvez os exemplares mais curiosos são os que apresentam alternância de código (*code-switching*), ou seja, a troca espontânea do alemão para o português e vice-versa. Essas particularidades linguísticas mostram mais uma vez a influência da oralidade nessas cartas, visto que reproduzem o comportamento típico de pessoas bilíngues que estão acostumadas a alternar entre as duas línguas, dependendo do tópico ou das intenções de comunicação dos falantes.

### **Pós-1940: entre perdas e sobrevivências**

Mesmo que os teuto-brasileiros, em grande parte, já dominem bastante bem o português, como sugere a facilidade de alternância entre essas línguas na escrita das cartas, a língua principal do grupo continua sendo o alemão. Porém, a divisão entre o alto alemão e a variedade hunsriqueana começa a mostrar debilidades, uma vez que a norma escrita do alemão *standard* não é mais considerada universalmente como o único *standard* disponível. É provável que isso se deva a vários fatores, tanto externos quanto internos. Entre os fatores externos, as políticas restritivas do Estado brasileiro durante a Primeira Guerra Mundial e principalmente as proibições com relação ao uso do alemão na imprensa e nas escolas, durante o Estado Novo (1937-1945), devem ser consideradas como as circunstâncias mais incisivas. Entre os fatores internos, figuram a perda dos laços entre a matriz de origem e os teuto-brasileiros, bem como a autopercepção destes como uma comunidade com uma identidade independente e diferente da dos alemães da Alemanha (TORNQUIST, 1997, p. 70-73; KUDER, 1936/37; cf. também KOSERITZ, 1885, p. 137s.). Essas mudanças socioculturais levam a uma certa perda na estabilidade e lealdade a respeito da norma linguística (ROSENBERG, 2003, p. 14). O resultado é um aumento dos fenômenos de alternância e mistura de códigos. As línguas se mesclam cada vez mais, levando a formas híbridas entre o alto alemão, o hunsriqueano e o português. O mesmo ocorre com relação às grafias, levando a cruzamentos das convenções ortográficas e a todo tipo de interferências. As soluções e escolhas dos escreventes, nessas circunstâncias pouco estáveis, levam a uma grande variabilidade interindividual, mesmo com relação a um único escrevente. Na oralidade, ainda predomina o hunsriqueano – cada vez com mais empréstimos do português –, mas

as competências na escrita do alto alemão diminuem, tendo em vista a dificuldade crescente de acesso aos modelos linguísticos (cf. STEFFEN & ALTENHOFEN, 2016; WOYTOWICZ, 2018).

Um exemplo de carta que ilustra sobremaneira essa evolução é a carta escrita em Capanema, provavelmente em 1985, na qual sua autora descreve uma receita para fazer cerveja caseira. A carta começa no alemão *standard*, ou melhor, no *Hochdeutsch*, até onde é possível, e apresenta fortes traços do hunsriqueano e desvios da gramática normativa. Ao longo do texto, a autora incorpora cada vez mais termos e expressões do português; primeiro, porém, busca manter a estrutura sintática básica do alemão, como por exemplo na instrução “*Açucar rösten, das er ben Marão fica*”, que exibe a posição final do verbo na frase subordinada, a qual é própria do alemão (tanto *Hochdeutsch* quanto hunsriqueano). Mas a partir daí, o texto muda completamente para o português: “*descha resfria pasa pelo un pano [...] então enche nas Garafa fescha bem en 10 12 Dies Poden tomar a Serveja*”, aliás utilizando algumas grafias que mostram os hábitos articulatórios do hunsriqueano bem como certas convenções ortográficas do alto alemão.

### **Cartas que compõem este volume: características e critérios de seleção**

O presente volume reúne 70 cartas, escritas em terras do Novo Mundo, às quais acrescentamos 10 cartas anteriores à emigração ao Brasil, de jovens da região do Hunsrück e de seu entorno, recrutados para as tropas napoleônicas. As 70 cartas selecionadas, conforme já se mencionou, são um recorte de um *corpus* mais amplo que abrange cerca de 1.000 cartas e que foi reunido, na maior parte, entre 2002 e 2003, graças a uma Bolsa Feodor Lynen, concedida pela Fundação Alexander von Humboldt (AvH) a Joachim Steffen, para um estágio de pesquisa no Projeto Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch (ALMA-H), desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em parceria com a Universidade de Kiel. Na coleta, as cartas foram fotografadas, com o consentimento livre e esclarecido de quem as possuía e mantinha sob sua salvaguarda, e solicitada autorização para seu uso em pesquisa. Para algumas famílias conseguimos retribuir a confiança com a transliteração das mesmas, mas, em função do volume de cartas e do trabalho oneroso e especializado que implica a transliteração, sobretudo para decifrar a escrita

*Kurrent*<sup>5</sup>, não foi possível atender a todas as expectativas; muitos lamentavam não conseguir ler os manuscritos. Este livro busca auxiliar nesse trabalho e estimular o interesse para decifrar as vozes escritas do passado.

A seleção das 70 cartas obedeceu a interesses essencialmente linguísticos, visando observar sobretudo, conforme exposto acima, 1) como, no eixo do tempo, a língua alemã varia e muda, 2) como elementos da língua falada Hunsrückisch aparecem refletidos nos textos escritos (tanto em alemão, quanto em português), 3) como o português vai se introduzindo nos textos e se incorporando à competência dos falantes, a ponto de gradualmente substituir seu uso, ao menos na escrita, e 4) que significados assumiram as escolhas da língua nas relações entre os membros da comunidade linguística no Brasil, isto é, como se construíram essas “pontes de papel” e qual sua contribuição para a coesão e identidade do grupo.

Está claro que não é tarefa fácil identificar elementos para o objetivo 2), visto que, quando os imigrantes e seus descendentes escreviam, buscavam fazê-lo na norma *standard* do Hochdeutsch, tanto quanto tinham acesso a essa norma, seja pela leitura (por exemplo, da Bíblia), seja pela escola, com todas as limitações que conhecemos. Não obstante, encontram-se em cada carta – como o leitor verá nas observações em nota de rodapé e como já exemplificamos acima – inúmeros sinais da oralidade que, no entanto, precisam ser adequadamente interpretados. Esses sinais variam conforme o período, no lastro de quase 200 anos, e incluem a presença de elementos do português – objetivo 3) – que, como as marcas dialetais ou semidialetais, apontam para a brasilidade do uso do alemão nessas cartas – objetivo 4). Estes dois últimos objetivos são o foco central de estudo do Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração (IHLBrI), que, conforme já mencionado, é o projeto que viabilizou a publicação deste livro. Desenvolvido em parceria pelo ALMA-H e pelo IPOL (Instituto de Investigação e Desenvolvimento de Política Linguística), com o apoio do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), o IHLBrI tenta contribuir para o conhecimento da diversidade linguística brasileira na categoria das línguas de imigração. Sua elaboração é requisito para o reconhecimento do Hunsrückisch como “referência cultural brasileira” (Decreto 7.387, de 9 de dezembro de 2010). Espera-se que novos volumes como este se sucedam, que tenham outras variedades ou grupos de imigração

---

5 Às vezes, é chamada de *Sütterlin*, porém esta é só uma forma particular da *Deutsche Kurrentschrift* (escrita corrente alemã), desenvolvida pelo gráfico e pedagogo Ludwig Sütterlin, em 1911. Uma vez que muitas das cartas reunidas neste volume foram escritas antes desta data, optamos por designá-la como *Kurrentschrift*.

do alemão como foco de análise (p.ex. pomerano e vestfaliano), os quais podem apontar tradições diferentes de uso da(s) língua(s).

Apesar da ênfase nos aspectos linguísticos, a história externa do contato linguístico alemão (hunsriqueano)-português aparece como pano de fundo em muitas cartas. Assim, tem-se inicialmente uma história que antecede a emigração na região do Hunsrück e que é marcada por guerras e anseio de liberdade (KOCH, 1964a, 1964b); segue-se o desafio da emigração para além-mar, com suas dificuldades, da viagem de navio à separação de famílias; retratam-se os primeiros tempos de assentamento na nova terra, coberta por mata densa, com animais e plantas e clima diferentes do que conheciam até então; as saudades de membros da família e a busca para restabelecer o contato; a morte de membros da família; a Guerra do Paraguai (ou Guerra da Tríplice Aliança); os conflitos religiosos e a revolta dos Mucker; a Revolução Federalista de 1893; as dificuldades de comunicação; a gripe espanhola; o surgimento de novas tecnologias (o telefone, o “sinema” [sic]); as relações de amizade, a vida social e os namoros; as guerras mundiais; as migrações em busca de novos espaços; as perdas e o que restou.

Conforme já dito, não foi o objetivo desta coleção de cartas retratar a história externa, mas ela, como se vê, aparece e está sempre ali. A correlação dos aspectos da língua (variação e uso) com o contexto histórico explica muitos comportamentos linguísticos. Estes incluem não apenas o que efetivamente se escreve, mas também o porquê de uma escolha ou ausência, seja na forma, seja no tipo de temática. Resumindo, procuramos, neste livro, constituir uma amostra representativa de textos dos diferentes períodos históricos elucidados acima, em que fosse possível identificar múltiplos aspectos da variação e uso da língua alemã, no contato com o português.

A escolha das cartas para compor este livro deu-se, por sua vez, de maneira bastante aleatória, no sentido de que acima de tudo se buscou exemplos dos diferentes períodos, visando uma amostra comparável e sem lacunas, e que apresentasse marcas linguísticas tipologicamente distintas. Deste modo, não representou um problema ter, em alguns casos, uma sequência de cartas do mesmo autor (por exemplo, de um Carlos Schnell, ou de uma Elvira Schneider), ou que se aproveitassem cartas previamente publicadas. Pelo contrário, essas sequências propiciam analisar a constância ou a mudança do estilo de escrita e das marcas linguísticas presentes ou ausentes nesses textos. Por outro lado, as cartas previamente publicadas ainda não tinham sido analisadas sob o viés linguístico proposto aqui. Sua transliteração foi, além disso, revista e controlada para atender ao propósito da análise da língua.

Em suma, o foco da escolha e ponto de partida da análise das cartas de cunho privado, neste livro, não foram primordialmente os perfis sócio-culturais dos escreventes ou os temas e o conteúdo em si. Muito mais buscou-se captar diferentes facetas do uso linguístico (em alemão, em português ou, inclusive, bilíngue, com alternância de código), e suas mudanças ao longo do tempo.

Mesmo assim, ao fazer um balanço e avaliação das cartas selecionadas e de sua representatividade como amostra, podemos identificar algumas tendências que merecem uma atenção especial, apesar da limitação do *corpus*. Quanto à língua escolhida, nossa amostragem final, de cartas escritas no Brasil, compõe-se de 80% de cartas em alemão (total de 56 cartas) e 20% (14 cartas) em português, sendo que, em pelo menos duas cartas, se faz uso alternado de ambas as línguas. Conforme mostra o gráfico da fig. 1, somente no final do séc. XIX (anos 1890) começamos a ter exemplos de cartas em português. Neste caso, trata-se de cartas que Frederico G. Kurz escreve ao seu genro Barbosa, ou seja, aparentemente de um exemplo já de casamento exogâmico com um luso-brasileiro monolíngue em português. Apesar desses primeiros indícios de uso do português em cartas privadas, e que coincidem com o início das migrações internas para as Colônias Novas no norte e noroeste do Rio Grande do Sul, o alemão prepondera, ao menos na nossa amostragem, até o período da Guerra Mundial, inclusive durante e apesar da política de nacionalização do Estado Novo, a partir da qual começa entrar em declínio. Evidentemente, seria preciso fazer esse levantamento para o conjunto das cartas de nosso *corpus*, que constituem o ALMA-Histórico. Esta é uma tarefa que assumimos desde já, como meta de estudos futuros.

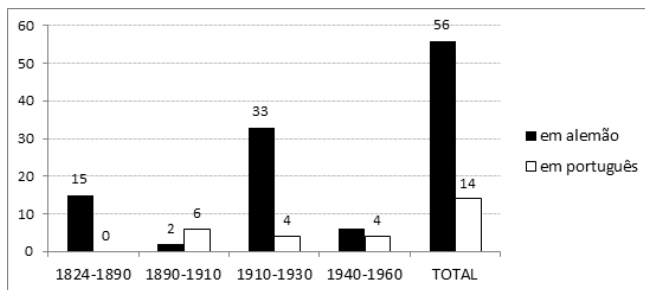


Fig. 1 – Amostra das cartas selecionadas, quanto à língua escolhida pelos escreventes

Tendência oposta é observada, quando analisamos o gênero dos escreventes (ver gráfico da fig. 2). Nas cartas selecionadas do séc. XIX, verifica-se um predomínio absoluto de escreventes homens. Embora saibamos que a leitura e escrita dessas cartas tenha sido muitas vezes um evento coletivo, e mesmo considerando que, na escolha das cartas, não atentamos para o gênero do escrevente – por isso, seu caráter aleatório –, fica claro

o papel da estrutura patriarcal vigente. Essa estrutura pode ser vista nas próprias condições da emigração. Dreher (2014a, p. 82) cita um relato de mulher coletado por Cléia Schiavo Weyrauch,<sup>6</sup> em seu estudo sobre a imigração alemã para o Vale do Mucury, em Minas Gerais, para destacar que “Nem as crianças nem as suas mães foram perguntadas pelos patriarcas se e quando pretendiam emigrar. Cabia ao patriarca essa decisão.”

A análise da participação de homens e mulheres na escrita de cartas revela, por outro lado, uma mudança de comportamento no novo meio, ao longo dos anos. Como mostra o gráfico da fig. 2, nas cartas dos períodos posteriores, do séc. XX, os papéis parecem se inverter, e é a mulher que assume o protagonismo na escrita dessas cartas. Evidentemente, é preciso ponderar acerca das limitações da amostra que apresentamos. Se essa tendência é também geral, precisaria ser comprovado com um *corpus* maior. Mas, mesmo que o grande número de cartas, em sequência, da mesma escrevente (por exemplo, de Elvira e de sua família), possa ter influenciado esse resultado, assim como também o fato de, neste período, o eixo de comunicação e estabelecimento das “pontes de papel” ter-se deslocado fortemente do meio rural (dominante no séc. XIX) para o urbano (dominante no séc. XX), há grande probabilidade de a hipótese valer para o âmbito mais geral. Por ora, nos contentamos com a hipótese provisória que os historiadores e sociólogos poderão explicar melhor.

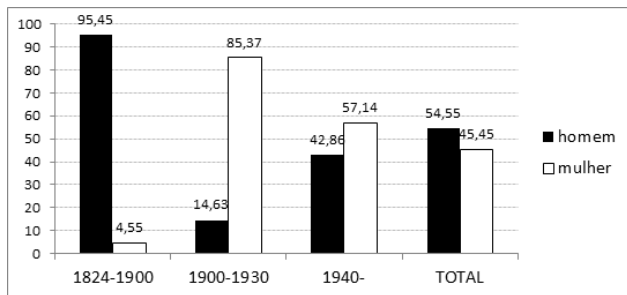


Fig. 2 – Gênero dos escreventes das cartas selecionadas

6 WEYRAUCH, Cléia Schiavo. *Pioneiros alemães de Nova Filadélfia: relato de mulheres*. Caxias do Sul: EDUCS, 1997, p.256257 (*apud* DREHER, 2014a, p. 82): “Nunca eu soube por que meu pai veio. Mas me lembro de que, à noite, vivíamos quase sempre quietos e sós, até que, certa feita, começaram a aparecer, todas as noites, homens que discutiam muito e muito conversavam. Cada vez surgiam mais homens. Eu não prestava atenção ao que falavam, mas notara que minha passara a ficar calada e casmurra. Numa certa noite, os homens estavam muito alegres; trouxeram bebidas, cantaram e riram muito, se abraçando. Quando todos se retiraram, ouvi minha mãe, que sempre calava, dizer: ‘Não estou gostando dessa história de mudar para tão longe, para lugar que ninguém conhece...’ E meu pai respondeu: ‘Já calculamos e conversamos muito, nós homens achamos que é bom. Decidimos ir.’”



Uma observação parecida pode ser feita em relação ao período do ano em que as cartas foram escritas (ver gráfico da fig. 3) e que, quer queira, quer não, tem a ver com o ritmo de trabalho e as mudanças e fatos sociais dominantes nos séc. XIX e XX. Embora, no séc. XX, os períodos de maior produção de cartas oscilem entre a primeira e segunda metade do ano, é sintomático que no séc. XIX se concentrem majoritariamente no período de janeiro a junho, portanto não no período de plantação, na primavera (especialmente, setembro a novembro). Evidentemente, há outros fatores a considerar, nas condições de produção das cartas, no âmbito privado, e que incluem sobretudo datas comemorativas e eventos como o Natal, a Páscoa, ou determinado *Kerb*. Se, no séc. XIX, o âmbito rural ainda desempenha papel dominante – por isso, a gênese das cartas orientar-se mais pelas condições e necessidades do trabalho – tem-se, no séc. XX, com a transferência de foco para o âmbito urbano, uma flexibilização maior dessas condições de escrita. As motivações tornam-se, além disso, outras. Incluem-se aí funções diversas, como por exemplo, sobretudo nas décadas de 1910 e 1920, o “envio de mensagens curtas”, mais ou menos como se faz hoje em dia através do whatsapp. Novamente, no entanto, precisaríamos de um *corpus* maior, para verificar se as tendências apontadas pela amostra de cartas deste livro é uma tendência geral ou um resultado condicionado especificamente pela amostra apresentada.

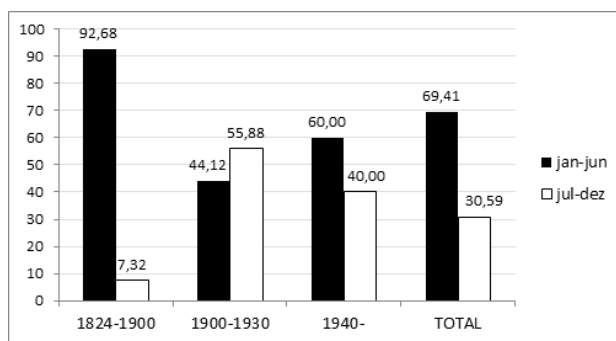


Fig. 3 – Período do ano em que as cartas selecionadas foram escritas

Por fim, vale mapear a abrangência geográfica das cartas que compõem a amostra deste livro e identificar como essas “pontes de papel” mantêm, mesmo à distância, os vínculos entre falantes e comunidades. O mapa a seguir, elaborado sobre a rede de pontos do ALMA-H e do IHLBrI, chama atenção, neste sentido, por sua abrangência e densidade, desde os primeiros períodos até hoje, mesmo não sendo de longe a rede de comunicação completa, e sim apenas um recorte a partir das cartas apresentadas neste volume.



Em nossas viagens de pesquisa de campo, pudemos constatar mais de uma vez como se mantêm esses vínculos e como são renovados, ou reforçados por relações de parentesco e de identidade, como no caso dos encontros de famílias e da circulação da imprensa em língua alemã. Seu raio de ocorrência surpreende sobremaneira, por atingir áreas tão distantes e periféricas como Moseldorf (Paso Tuyá, ponto PY04 do ALMA-H), em que sequer esperaríamos encontrar, como foi o caso, leitores do *Sankt Paulusblatt*, publicado em Nova Petrópolis (ponto RS06), muito menos correspondentes em Hunsrückisch do *Ignatius-Kalender* (atualmente, *Jahrbuch der Familie*), impresso em Porto Alegre. Constatações desse tipo, derivadas das migrações, são o que nos levaram a propor a imagem de “arquipélagos da língua” para representar os pontos em conexão nessa rede de comunicação [escrita] (v. STEFFEN & ALTENHOFEN, 2014: *Spracharchipele*).

### Considerações finais

Como se vê, as cartas de imigrantes configuram um gênero de cartas particular. Mesmo que não sejam escritas diretamente por um imigrante, e sim por um descendente, são cartas que derivam de um contexto de imigração. Por isso, mantemos a denominação. Pois, para captar todos os significados que permeiam esse tipo de texto, o leitor precisa considerar uma série de itens e variáveis históricas e linguísticas que levam em conta basicamente os seguintes aspectos:

- a) As condições de produção da carta e o contexto sócio-histórico de sua gênese;
- b) A relação entre escrevente(s) e destinatário(s) e as motivações para a escrita da carta;
- c) A seleção da língua, das línguas, das alternâncias e empréstimos, de um complexo de variedades em contato, enfim, do repertório plurilíngue e plurivarietal de que se serve o emissor para comunicar os significados que quer comunicar;
- d) O conteúdo comunicado, que inclui não apenas informações, mas também sentimentos que mantêm laços de afetividade;
- e) A prática da escrita e o que ela representa para a língua de imigração.

A seleção das cartas que compõem este volume buscou contemplar esses diversos aspectos e situações de produção das cartas. Esperamos que sua leitura auxilie na compreensão do papel da língua de imigração na história dessas comunidades.